

CONVERSANDO SOBRE GRILAGEM ATRAVÉS DE UM PODCAST¹

Talking about land grabbing through a podcast

Conversando sobre la apropiación ilegal de tierras a través de un podcast

Irene do Planalto Chemin

Mestranda em Divulgação Científica e Cultural (Labjor/IEL, Unicamp)

E-mail: iredoplanalto@gmail.com

Octávio Bittencourt de Sousa

Doutorando em Desenvolvimento Sustentável (PPGCDS, UnB)

E-mail: francisco3505@gmail.com

Áltera, João Pessoa, Número 18, 2024, e01811, p. 1-20.

ISSN 2447- 9837

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto e 3 de setembro de 2022, no GT68, “Reflexões e práticas sobre a restituição de dados da pesquisa antropológica”, sob a coordenação de Jaqueline Ferreira (IESC/UFRJ) e Soraya Fleischer (UnB). Agradecemos pelo espaço de troca e reflexão.



RESUMO:

Em um trabalho de campo com os Kalunga, o receio relacionado à ausência de retornos das pesquisas para a comunidade e a crítica ao “juridiquês” que envolve processos de grilagem de terras influenciaram a escrita da monografia “Se o grileiro vem, pedra vai” (2022), que em seguida se tornou um *podcast*. O objetivo do *podcast* era chegar aos interlocutores da pesquisa, com facilidade de *download* e compreensão por meio do uso de linguagem cotidiana. Assim, este artigo analisa os retornos, especialmente dos Kalunga, à monografia. Buscamos compreender de que maneira o *podcast* colabora para manter aquecido o diálogo entre interlocutores e pesquisadores. Em formato de roteiro, com linguagem informal e pessoal próxima da divulgação científica, o texto se divide em quatro blocos, nos quais caminhamos desde o tema geral, nos sentamos em roda como metodologia e ouvimos nossos interlocutores.

PALAVRAS-CHAVE: *Podcast*. Kalunga. Restituição de dados. Etnografia.

ABSTRACT:

In the field with the Kalungas, the fear concerning the absence of research feedback to the community as well as a criticism of the “legalese” surrounding land grabbing processes influenced the writing of the monograph “Se o grileiro vem, pedra vai” (2022), which later became a *podcast*. The aim of the *podcast* was to reach the interlocutors of the research, making it easy to download and to understand due to the use of everyday language. This article therefore analyzes the feedback, especially from the Kalunga, on the monograph. We sought to understand how the *podcast* helps to keep the dialogue between interlocutors and researchers alive. In script format, with informal and personal language close to scientific dissemination, the text is divided into four blocks, in which we move on from the general theme, sit in a circle as a methodology, and listen to our interlocutors.

KEYWORDS: *Podcast*. Kalunga. Data restitution. Ethnography.



RESUMEN:

En el trabajo de campo con los kalunga, temores por la falta de retornos a la comunidad y las críticas al lenguaje jurídico que rodea los procesos de acaparamiento de tierras influyeron en la redacción de la monografía “Se o grileiro vem, pedra vai” (2022), que más tarde se convirtió en podcast. El objetivo era llegar a los interlocutores, facilitando su descarga y comprensión gracias al uso del lenguaje cotidiano. En este artículo se analizan los comentarios, especialmente de los kalunga, sobre la monografía, para entender cómo el podcast ayuda a mantener vivo el diálogo de pesquisa. En formato de guión, con un lenguaje informal, cercano a la divulgación científica, el texto se divide en cuatro bloques, en que avanzamos a partir del tema general, nos sentamos en círculo como metodología y escuchamos a nuestros interlocutores.

PALABRAS CLAVE: *Podcast*. Kalunga. Restitución de datos. Etnografía.



BLOCO 1 - CHEGAR NO TEMA, EM CAMPO, NO PODCAST

[Música tema “Se o grileiro vem, pedra vai”, do Centro Popular de Cultura: forró sertanejo com sanfona, agogô, bumbo e voz masculina, ritmo dançante.¹

Se o grileiro vem, pedra vai
De cima deste morro ninguém sai
Se o grileiro vem, pedra vai
De cima deste morro ninguém sai

Construí um barraco de madeira
De cima deste morro pra morar
Vem o cão do grileiro de rasteira
Querer meu barraco derrubar

A música vai abaixando e vem um som de vento batendo nas árvores, água corrente e pássaros cantando]

Irene Chemin: Essa é a letra da música “Se o grileiro vem, pedra vai” do Centro Popular de Cultura, que dá nome ao *podcast*. Começamos nosso artigo com as legendas e a música porque este texto tem formato de roteiro de *podcast*, um diálogo entre os dois coautores, com linguagem informal, pessoal, descontraída, sobretudo em relação à linguagem com que estamos mais acostumados nos artigos científicos. Este texto também está disponível em áudio,² aqui estamos mais próximos da divulgação científica, por isso o texto é narrado em voz ativa e em primeira pessoa e nos direcionamos diretamente a quem nos lê. O texto é dividido em quatro blocos, nos quais caminhamos desde o tema geral, nos sentamos em roda como metodologia e ouvimos nossos interlocutores. A forma ganha o mesmo destaque do conteúdo, por isso sugerimos escutar a música para embalar a leitura: os trechos entre colchetes sinalizam momentos de evidência da música assim como os efeitos sonoros que ambientam o território em que nosso debate se insere.

1 A música “Se o grileiro vem, pedra vai”, do Centro Popular de Cultura, pertence ao domínio público e pode ser acessada através do Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rkyk9i-XBwao>. Acesso em: 17 dez. 2024.

2 Acesse o Episódio Especial: Todas as vozes do *podcast* Se o grileiro vem, pedra vai. Disponível em: <https://radiokerekere.wordpress.com/se-o-grileiro-vem-pedra-vai/>. Acesso em: 17 dez. 2024.



[Som de vento batendo nas árvores, água corrente e pássaros cantando. Esses sons se estendem no início da fala de Chico Sousa.]

Chico Sousa: Localizado “entre vãos e serras, cobertos por um céu de azul celeste, límpido e profundo, e emoldurado pela beleza sutil dos Cerrados nas margens do rio Paranã, desenvolveu-se um pedaço da África”... Essa frase é de Vercilene Dias, quilombola da comunidade Kalunga de Goiás e advogada da Associação Quilombo Kalunga, a AQK, que escreveu a Dissertação de Mestrado *Terra versus Território: uma análise jurídica dos conflitos agrários internos na comunidade quilombola Kalunga de Goiás*, em 2019. Antes de conhecer Vercilene e sua obra, percorri um longo caminho de estudos sobre a questão agrária no Brasil e, mais especificamente, sobre os processos de grilagem de terras, lendo sobre os clássicos do tema e trabalhando com ele em diversas disciplinas do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, onde completei minha graduação, assim como na Faculdade UnB Planaltina.

Grilagem verde, internacionalização do roubo de terras, desmatamento e as interfaces com a Antropologia e com questões ambientais. Decidi trabalhar com grilagem e a rede de solidariedade e suborno que envolve essa prática ilegal. Havia a possibilidade de realizar esta pesquisa na comunidade Kalunga de Cavalcante, pois à época o prefeito eleito era quilombola e tinha especial interesse no tema. Mandei uma carta de apresentação para a prefeitura e me responderam meses depois afirmando que tinham interesse em receber a pesquisa e que eu deveria contatar a AQK. Comecei a ler sobre os Kalunga e as publicações acadêmicas dos próprios Kalunga. Li Mari Baiocchi (1999), Aldo Soares (1995), Vilmar Costa (2013), Vercilene Dias (2019), Lourivaldo Souza (2018)... Essas são as principais bases da monografia: apoiado nesses autores, percebi como a grilagem faz parte da história dos Kalunga em um conflito secular pelo direito de existir e ocupar. Para a compreensão aprofundada sobre a questão quilombola no Brasil e a luta pelos territórios, indicamos consultar os autores citados acima.

Em setembro de 2021, fui a campo pela primeira vez, acompanhado de Rute Pina, jornalista, e José Cícero, fotógrafo, para colaborar na pesquisa de uma matéria jornalística³ da Agência Pública sobre a grilagem na Fazenda Bonito, que pertence ao Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. Voltei ao território entre outubro e novembro de 2021, agora acompanhado de Durval Mota, ex-presidente do Instituto de Desenvolvimento Agrário de Goiás, o Idago, para, a serviço da AQK, mapear a ocupação da área que corresponde à Fazenda Bonito, estudo que gerou mais algumas dezenas de entrevistas e relatórios detalhando indícios de grilagem nos processos do Incra referentes à Fazenda.

3 Para acesso a matéria, ver <https://apublica.org/2021/11/encurralados-pela-grilagem/>. Acesso em: 29 nov. 2024.



O fato é que, se não fosse a cooperação dos quilombolas, nada disso seria possível. Eles nos receberam em suas casas, nos guiaram pelo território, forneceram água e alimento, concederam entrevistas, apresentaram ampla documentação. Seu Damião, Dona Ester, Seu Jorge, Seu Naboa, Dona Dulce e Seu Elias, Dona Antônia e Seu Antonio... São algumas das pessoas que foram fundamentais para esse trabalho. Eu ouvi de muitas delas que tinham receio de compartilhar seus documentos com pesquisadores, suas histórias e suas casas, porque muitos vinham, recebiam atenção e carinho na forma da partilha de um teto para dormir, um prato de comida, água fresca ou mesmo de entrevistas e resposta a formulários. Depois, iam embora e não forneciam nenhuma devolutiva, nenhuma notícia dos resultados.

Desse fato, surgiu a ideia de disponibilizar a monografia, que seria originada a partir daquela estadia com a comunidade, em formato de áudio, possibilitando que o texto antropológico alcançasse um público mais amplo e preservando o conteúdo *on-line*. No início, enquanto o projeto ainda era individual, pensei em simplesmente gravar a leitura corrida de todo o texto (o que resultaria em um áudio de aproximadamente 7 horas) e disponibilizar *on-line*. Meu objetivo era que a monografia chegasse aos interlocutores que não dominam a “letra”, devolver dados e análises da pesquisa para estes interlocutores. Eu cheguei a realizar a leitura completa de alguns livros e postar no meu canal do Youtube, como *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior (2019), *Kalunga: povo da terra*, de Mari Baiocchi (1999) e *Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil*, de Flávio dos Santos Gomes (2015).

Mas aí... por sorte, comentando sobre a ideia com a Laísa Fernanda Alves da Silva, colega da graduação em Antropologia da Universidade de Brasília, ela indicou a Irene Chemin, produtora de *podcasts*, e o Álex Nogueira, *designer*, ambos graduandos em Antropologia na UnB. Juntas, nós quatro formamos um coletivo que se dedicou a transformar a monografia “Se o grileiro vem, pedra vai” em um *podcast* voltado para a divulgação científica da pesquisa sobre grilagem de terras no território Kalunga, especialmente como forma de restituir os dados para os interlocutores da pesquisa e para a comunidade Kalunga como um todo. E aí, pra falar sobre *podcasts*, eu passo a palavra pra amiga e autora que me acompanha nessa escrita, a Irene Chemin.

[Música tema “Se o grileiro vem, pedra vai”, do Centro Popular de Cultura: forró sertanejo com sanfona, agogô, bumbo e voz masculina, ritmo dançante]

Irene Chemin: Bom, eu tenho trabalhado com divulgação científica através de *podcasts*, especialmente na área da Antropologia, participando do *podcast* Mundaréu, coordenado pela professora Soraya Fleischer, do



Departamento de Antropologia da UnB, e também pela professora Daniela Manica, do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp. Logo de cara eu fiquei empolgada em participar desse projeto com o Chico Sousa, porque eu reconheço a importância que a questão agrária tem no nosso país e como é urgente dar mais visibilidade para essa questão e para as lutas de comunidades tradicionais, como os quilombolas Kalunga.

Eu venho pesquisando sobre como a divulgação científica torna a Antropologia mais aberta e pública. Como a Soraya Fleischer e Daniela Manica falam em um artigo publicado em 2021 intitulado “O *podcast* Mundaréu como uma experiência de Antropologia Pública”, tem muita pesquisa antropológica acontecendo, dentro e fora da universidade, e essas pesquisas têm produzido resultados que podem ser úteis para uma audiência mais ampla e para a produção de políticas públicas mais sensíveis e inclusivas, como é o caso da pesquisa realizada pelo Chico Sousa. Nesse texto sobre a Antropologia Pública, as autoras também debatem a ideia de uma mutualidade na pesquisa, um compromisso político com as pessoas que estudamos, trabalhamos e para quem escrevemos, numa orientação ética de trabalho para e com a comunidade, assim como respeitando a sua autodeterminação. E um compromisso político também com quem a gente se comunica mais amplamente. Seria uma antropologia situada, uma antropologia anfíbia, como defende Soraya Fleischer em um artigo publicado em 2007. A responsabilidade na demarcação de territórios e denúncia à grilagem de terras quilombolas é um compromisso levantado pela pesquisa e pelo *podcast*.

Como tem sido levantado pela rede de *podcasts* de Antropologia, a Rádio Kere Kere⁴, a produção de *podcasts* tem muito a contribuir com a democratização do acesso à ciência, nos permitido praticar uma antropologia aliada à pesquisa e à militância, feita de um modo artesanal, compromissado e politizado. E a mídia de áudio, o *podcast*, nos permite encarar nossas próprias vozes como um veículo de narrativas e visões de mundo, experimentando habilidades comunicacionais para divulgar nossas pesquisas e, mais que isso, como diria bell hooks em seu livro publicado em 2013, para transgredir os padrões científicos estabelecidos que nos distanciam do cotidiano das pessoas.

O *podcast* tem algumas vantagens para se popularizar a Antropologia e torná-la mais acessível, como o potencial de permitir que novos atores assumam o protagonismo de suas falas. O baixo custo para a produção e uma comunicação descentralizada podem proporcionar um espaço fértil para a militância e para a divulgação de temas que nem sempre são promovidos pela grande mídia. Além disso, a diversidade de formatos e duração de tempo que os *podcasts* podem ter permite abordar temas específicos e com profundidade, de acordo com a demanda do público consumidor.

Eu falo sobre essas características em um trabalho publicado com

4 Conheça a Rádio Kere Kere: <https://radiokerekere.wordpress.com/>. Acesso em: 17 dez. 2024.



dois amigos, o Bruno Pereira e o Arthur Ulhôa, nos anais da 8ª Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia, a React, de 2021. A gente também comenta no artigo a característica de ruptura espacial e temporal no consumo do *podcast*, porque o arquivo pode ser baixado em um celular ou algum dispositivo móvel e ser escutado em outro momento ou espaço. Isso permite que a ouvinte tenha mais controle e autonomia no processo de escuta do *podcast*. Uma terceira característica é a linguagem informal e dinâmica, que combina voz, música e efeitos sonoros para facilitar a comunicação entre mundos e histórias, mobilizando emoções e estimulando a imaginação do público.

Essas três características foram adequadas de maneira específica para que o *podcast* “Se o grileiro vem, pedra vai” chegasse ao nosso público principal, os interlocutores e a comunidade Kalunga, com quem o Chico Sousa trabalhou. Assim, nós pensamos juntas sobre como fazer a leitura daquele material da dissertação do Chico e transformar o texto em *podcast*, qual seria o melhor formato e duração para os episódios, a plataforma e a frequência de publicação, para tornar o material o mais acessível possível para a comunidade. E valorizar todo o acolhimento que os Kalunga proporcionaram, a forma como eles se engajam e fazem o campo acontecer. Né, Chico?

BLOCO 2 - PESQUISAR E PRODUZIR EM RODA

[Som de vento batendo nas árvores, água corrente e pássaros cantando. Esses sons se estendem no início da fala de Autor 2.]

Autor 2: Sim. Estar em campo com os Kalunga é estar em diálogo, sentar-se em roda, olhar nos olhos e ouvir histórias, compartilhar cafézinhos, caminhar pelo cerrado e pela beira do rio Paranã. Depois, no momento da escrita, as anotações e lembranças preenchem o silêncio e o papel em branco, que aos poucos vai ganhando a forma da tal monografia. Vem à mente alguma frase marcante dita por um interlocutor e quase é possível ouvir a sua voz, vê-lo bem à frente. E é principalmente para ele que quero contar sobre o que ando pensando acerca de tudo que vivi e aprendi em campo, em sua presença e de tantos outros quilombolas.

Perdi a conta de quantas vezes escutei, durante o campo, sobre o receio que os quilombolas tinham com pesquisadores: uma gente que vem, come, dorme, enche de pergunta e nunca mais dá notícia. Em entrevista com Vercilene Dias, ouvi que ela estava cansada de ter que explicar o “juridiquês” dos processos envolvendo a comunidade, quando o afamado juiz poderia escrever de uma forma mais simples e direta. Além disso, em muitas comunidades tradicionais, principalmente entre os mais velhos, “a



letra”, a habilidade de escrita e leitura, é pouco difundida. Inspirado por autores como Abdias do Nascimento e Clóvis Moura, nos respectivos livros *Quilombismo* de 2002 e *Sociologia do negro brasileiro* de 2020, busquei romper com a neutralidade e imparcialidade científica, postulados metodológicos que corroboram, mesmo que de forma indireta, para que o pensamento social racista prevaleça ainda hoje na sociedade brasileira.

Pode até parecer algo simples, mas optar por um outro modelo de monografia não foi fácil. Como tive ciência dessa necessidade ainda em campo, o formato do trabalho não seguiu o modelo acadêmico “clássico” intencionalmente desde o início da escrita. E isso resultou em muitas críticas, a maioria integrando os famosos “problemas de branco”, até que parte dos leitores compreendessem que a ideia central sempre foi popularizar o debate dessa questão através de uma escrita direta e autoexplicativa.

Neste trabalho de *podcast*, as noções de divulgação científica foram utilizadas com foco em um público bem específico, com a finalidade de devolver dados e análises de pesquisa para estes interlocutores. Como afirma o antropólogo João Pacheco de Oliveira no artigo “Etnografia enquanto compartilhamento e comunicação: desafios atuais às representações coloniais da antropologia”, publicado em 2013, um trabalho de campo engajado deve promover uma “comunidade de comunicação”, processo social que se desdobra no tempo e que pode propiciar a elaboração de hipóteses e interpretações. Ou seja, uma pesquisa que se mantenha aquecida através da comunicação, em diálogo aberto, que não se considere concluída logo que é publicada.

[Música tema “Se o grileiro vem, pedra vai”, do Centro Popular de Cultura: forró sertanejo com sanfona, agogô, bumbo e voz masculina, ritmo dançante.

Ao grileiro nós vamos resistir
Todo povo daqui vai descer
E uma ordem geral vai partir
Que é botar o grileiro pra correr]

Chico Sousa: “Se o grileiro vem, pedra vai” começou como uma música do Centro Popular de Cultura, pela qual fiquei apaixonado. O refrão dessa canção virou citação de um trabalho de disciplina na faculdade que, por sua vez, serviu de base para o primeiro capítulo da monografia, que depois veio a receber o nome da música como título. E agora representa um *podcast*, trabalho coletivo de quatro estudantes da graduação que se juntaram para disponibilizar, em formato de áudio, uma etnografia sobre os conflitos por terra no território Kalunga, maior quilombo do Brasil.



Encontrar a forma para transmitir a monografia através do áudio não foi uma tarefa simples. Queria disponibilizar o texto na íntegra; não me pareceu apropriado fazer um “resumo seletivo” para os Kalunga. Como poderia eu, enquanto pesquisador externo, classificar o que é mais ou menos importante pra comunidade? Não é como se os interlocutores não compreendessem e se apropriassem do processo de pesquisa. Então, seria feita a leitura integral do texto. Mas era longo para ser disponibilizado num arquivo de áudio só: 100 páginas de texto provavelmente teriam cerca de 6 ou 7 horas de gravação.

E, assim, lá no território, eles têm um acesso precário à internet, que só pode ser conectada em lugares específicos. Por exemplo, na casa da Dona Antônia de Souza Fernandes, moradora da comunidade Congonha e a primeira a me receber em sua casa no território, há acesso à internet particular, que só é ligada durante a noite. E não é uma internet muito potente, então eu também estava preocupado com isso em relação a publicação e acesso ao *podcast*. Eram vários fatores técnicos que tinham que ser pensados, né, Irene?

Irene Chemin: Pois é, como o Chico disse, a ideia do *podcast* surgiu principalmente para que o público Kalunga tivesse acesso ao que foi produzido a partir da presença e pesquisa do Chico lá nos povoados de Boa Sorte, Bonito, Buriti Velho, Buritizinho, Congonha, Pé do Morro, Prata, Redenção e Salinas, que ficam dentro da chamada Fazenda Bonito, no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, no norte do estado de Goiás. O Chico veio até mim com a monografia já toda escrita e me contou sobre o desejo de transformá-la em um *podcast*, ampliando o acesso dos Kalunga e de tantas outras pessoas, aos resultados de sua pesquisa sobre a grilagem de terras naquele território.

Refletimos juntas, em intercâmbio com a comunidade Kalunga, sobre a forma mais adequada de transmitir o conteúdo da monografia via áudio: como dividir as leituras; como gravar e interpretar o texto; como evidenciar a estrutura em que o conteúdo seria apresentado; onde seria feita a publicação; as estratégias de divulgação; os espaços para diálogo com o público dentro do *podcast*; a frequência de lançamento; entre outras questões que foram aparecendo pelo caminho de produção do *podcast*, para que se adequasse à realidade local, em que não é comum utilizar energia elétrica e, conseqüentemente, internet, durante a maior parte do dia.

Nossa equipe também cuidou da identidade visual e da divulgação do *podcast* nas redes sociais, a Laísa Fernanda Alves da Silva e o Álex Nogueira arrasam nisso. As artes para cada episódio, assim como materiais sobre os interlocutores podem ser acessados no Instagram @seogrileirovempedravai.⁵

5 Disponível em: <https://www.instagram.com/seogrileirovempedravai>. Acesso em: 23/04/2024.



[Música tema “Se o grileiro vem, pedra vai”, do Centro Popular de Cultura: forró sertanejo com sanfona, agogô, bumbo e voz masculina, ritmo dançante. A música se estende no início da fala de Irene Chemin]

Irene Chemin: Sobre a música tema, não tínhamos dúvida: “Se o grileiro vem, pedra vai”, é uma canção do Centro de Cultura Popular, disponível em domínio público. A música nos inspira a pensar sobre a secular resistência dos povos tradicionais na ocupação de suas terras, mesmo sendo constantemente atacados pelo modo de vida da branquitude, capitalista e que destrói a diversidade da vida humana e de toda a natureza.

A duração de cada episódio seria curta, de no máximo 15 minutos, para facilitar o download e adentrar a rotina das pessoas, fazendo parte das conversas cotidianas. O *podcast* seria disponibilizado no Youtube, que é mais acessível e conhecido entre a comunidade Kalunga, e no Spotify, para ampliar a divulgação para um público ainda mais diverso e fora da comunidade em si. Como a equipe era composta por voluntários, definimos uma frequência de trabalho que fosse viável para todes, com três episódios por semana: toda segunda, quarta e sexta, às 19 horas. Esse horário parecia o mais adequado à realidade social Kalunga, na qual muitos trabalham durante o dia e se reúnem no começo da noite para conversar. A leitura foi dividida entre três vozes, a do Chico, da Laísa e a minha: nossa ideia era dar dinamicidade para os episódios, alternando as locuções, o que ajuda na concentração da ouvinte. Organizamos a divisão da leitura por subcapítulos da monografia. O nosso projeto resultou em 31 episódios.

Para organizar a estrutura do conteúdo da monografia, utilizei efeitos sonoros. Coloquei um [a voz de Irene ecoa] efeito de reverberação, ou eco, nas citações diretas presentes no texto. E uma onomatopeia de grilo [som de grilo] para demarcar tópicos e listas, como os “tipos de grilagem” e os agentes envolvidos. Optamos por não ler as referências de autor e ano de publicação nas citações, pois parecia atrapalhar a fluidez da escuta. As referências completas foram disponibilizadas em um documento escrito, anexado ao episódio. Porém, não asseguramos que foi a melhor estratégia, visto que a ouvinte não tinha acesso às referências completas no próprio material em áudio. Ao final de cada episódio, foi preciso mencionar que essas referências se encontravam na descrição em texto, para quem tivesse interesse em procurá-las.

A gente também teve a ideia de abrir um espaço dos episódios para responder comentários e dúvidas dos ouvintes. Chamado de “Momento pedrada”, esse espaço foi mais ocupado nos primeiros episódios do *podcast*, e depois acabou não recebendo muitas participações. Porém, no privado, o Chico recebia várias mensagens e comentários dos Kalunga sobre os episódios, que a gente vai compartilhar adiante com vocês. Queremos compartilhar um pouco mais sobre quem são essas pessoas, os interlocutores



da pesquisa, sobre o território que ocupam e ao qual dão e criam vida. Tá ouvindo esse som de vento e água passando? Em meio a essa calmaria, tem muita gente, movimento e resistência!

[Som de vento batendo nas árvores, água corrente e pássaros cantando. Esses sons acompanham as descrições do território em diferentes trechos apresentados por Chico Sousa]

BLOCO 3 - INTER-LOCUÇÕES

Chico Sousa: O Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga é habitado atualmente por mais de 8 mil quilombolas que, assim como os seus ancestrais, residem nestas terras há mais de três séculos. Muitas gerações nasceram ali, fazendo do local a sua moradia e onde produzem para sua subsistência. Na Fazenda Bonito, onde pesquisei, são mais de 100 famílias. Nesse território existem algumas dezenas de nascentes, e a área é cercada pelos rios Prata, Paranã, Corrente e Ouro Fino. Lá predomina uma vegetação que varia entre cerrado denso, cerrado típico, cerradão, campos sujos, campos limpos e pastagens.

Coco do babaçu, galinha, pequi e porco... Itens representativos do modo de vida particular desenvolvido no território, em que o uso da terra é para todos que nela trabalham de forma respeitosa, retirando apenas o necessário para a sobrevivência da comunidade, não se importando com o acúmulo de riquezas, nem com títulos de propriedades. Não fosse esse modo alternativo de vida, provavelmente não encontraríamos nos limites do território Kalunga uma das áreas de cerrado nativo mais conservadas do país. Além de uma orientação que prevaleceu por séculos voltada para a vida comunitária, existem ali técnicas de cultivo desenvolvidas ao longo dos anos, originadas de conhecimentos empíricos adquiridos pelos quilombolas através do trabalho nas roças.

Um dos principais interlocutores da pesquisa foi Damião Moreira dos Santos. Foi ele quem nos recepcionou na primeira visita ao território. Uma das lideranças jovens do território, Damião é um poço de conhecimento sobre a comunidade e o território, não é à toa que recebeu o título de “Herói dos Hotspots”, por seus esforços para proteger locais considerados por sua alta biodiversidade do mundo. Os homenageados foram escolhidos entre as centenas de organizações da sociedade civil que receberam doações do *Critical Ecosystem Partnership Fund*⁶ (CEPF) nos 10 hotspots

6 É uma iniciativa conjunta de conservação da biodiversidade da Agence Française de Développement, Conservação Internacional, União Europeia, Fundo Global para o Meio Ambiente, Governo do Japão e Banco Mundial. A sede do fundo está localizada na Conservation International em Arlington, Virgínia, Estados Unidos. O CEPF trabalha para proteger os ecossistemas e as espécies neles contidas, concedendo subsídios a organizações locais e internacionais da sociedade civil que trabalham em hotspots



globais de biodiversidade onde o fundo atua.⁷ Ele nos contou sobre a corda bamba na qual os Kalunga se equilibram, com os modos de vida locais constantemente ameaçados. Me lembro especialmente da fala de Damião a respeito dos fazendeiros, quando ele disse que a luta não precisava ser contra os fazendeiros, pois os Kalunga querem o respeito à terra enquanto os fazendeiros querem a indenização, mas não aceitam se juntar para pressionar os órgãos responsáveis.

Irene Chemin: Chico, você falou sobre o território e isso te lembrou o Damião, um herói do Cerrado. Qual é a importância dos interlocutores nesta sua pesquisa e na pesquisa da Antropologia, em geral?

Chico Sousa: Ah, eles são muito importantes, cada interlocutor me ensinou conhecimentos e ferramentas que contribuíram para a pesquisa, essa troca é fundamental para a Antropologia. Vou te apresentar outros interlocutores e você vai entender a relevância deles para a pesquisa. Por exemplo, outra importante liderança Kalunga e interlocutora é dona Ester Fernandes de Castro. Mulher forte, guerreira. Mãe, professora e ex-vereadora. Atuante na militância, compartilhou um fragmento da sua sabedoria conosco na sede da AQK em Teresina. Me lembro de conversarmos no alpendre da casa, onde Ester delineava com perfeição a ligação do território com as crianças e como a educação é importante para a construção da identidade local que fará com que os jovens de hoje continuem lutando pelo seu povo no futuro. Foi a partir das reflexões de mulheres quilombolas, como dona Ester, que pude notar o quão arraigada é a questão da terra e o conhecimento nela acumulado.

Minha avó de consideração, Dona Antônia de Souza Fernandes... Até hoje, no início de qualquer conversa, peço a benção, senão eu tomo bronca. Dona Antônia é moradora da beira do Paranã e me recebeu em sua casa por diversas vezes. Sempre que acontece qualquer coisinha na Bonito, ela me avisa. Lembro da primeira noite no território: acreditávamos que a noite seria tão quente quanto o dia. Apesar dos avisos de dona Antônia, optamos por dormir na oficina da casa, que é um espaço coberto externo à casa, para tarefas relacionadas ao cuidado com o gado, ao reparo de instrumentos etc. Quando deu meia-noite, 14 °C sobre a areia, foi uma briga pela única coberta que dona Antônia havia deixado. A gente ri disso até hoje.

O presidente da AQK, no período em que realizei a pesquisa de campo, era o Jorge Oliveira. Pai, agricultor e líder, Jorge sempre foi muito atencioso

de biodiversidade em todo o mundo. Os beneficiários dos subsídios incluem, entre outros, organizações sem fins lucrativos, grupos de povos indígenas e pequenas empresas.

7 Para mais detalhes, consultar “Conservacionista brasileiro homenageado como ‘Herói do Cerrado – Hotspot de Biodiversidade’ pelo Fundo de Parceria Para Ecossistemas Críticos”, disponível em: <https://cepfcerrado.iieb.org.br/conservacionista-brasileiro-homenageado-como-heroi-do-cerrado-hotspot-de-biodiversidade-pelo-fundo-de-parceria-para-ecossistemas-criticos/>. Acesso em: 17 dez. 2024.



conosco. Demonstrava reconhecer a importância de pesquisas sobre a comunidade. Foi conversando com Jorge que percebi que a comunidade Kalunga não é um bloco homogêneo, como algumas pesquisas fazem parecer. Há no seio da comunidade embates constantes entre gerações, formas de lidar com a terra e com a presença de estranhos.

E pra citar mais uma pessoa, dentre várias que foram importantes para realização da pesquisa, Seu Boaventura Fernandes, ou, como prefere, Seu Naboa: um grande amigo, com uma aura que conquista. Me lembro que a jornalista que acompanhei em uma das visitas ficou impressionada com a presença quase mística de Naboa, que respondia todas as perguntas com metáforas, quase como um “Mestre dos Magos”.⁸ Foi na casa de Seu Naboa, na festa de São Judas, que comi a melhor carne de porco da minha vida: as panelas de ferro fundido fumegavam sobre buracos com brasa ardente no chão. Chegamos por volta das 19 horas, depois de mais de cinco horas perdidos no território. Ao nos reconhecer, logo puxou um prato e não sossegou até que provássemos de tudo um pouco. Seu Naboa encarna a hospitalidade e a alegria da comunidade, que mesmo em meio a tantas batalhas, segue firme na luta pela garantia de um amanhã melhor.

[Som de vento batendo nas árvores, água corrente e pássaros cantando, se estendem no início da fala de Chico Sousa]

Para entender as relações ali no território, vale citar também a soja, o trator e o búfalo, numa perspectiva de etnografia multiespécies, como propõe Anna Tsing em 2015. Estes agentes, a soja, o trator e o búfalo, são alguns dos pontos de articulação da rede que possibilita a grilagem. São frequentes os episódios de invasões das terras Kalunga por novos personagens: roças e casas são queimadas ou derrubadas por tratores. Visitas constantes de policiais com mandados judiciais expedidos por delegados e outras autoridades do poder público local; uso intensivo das pastagens vegetais e de agroquímicos, criando um ambiente que incentiva a reprodução dos modos de produção ocidentais e capitalistas.

Irene Chemin: É muito interessante essa perspectiva de considerar os vários agentes envolvidos no processo de grilagem, Chico. Parece mesmo uma obra de realismo mágico latino-americano, em que mortos negociam terras, operam milagres... ou mesmo em que o fogo é usado como “vilão” do desmatamento e da grilagem. Mas aí, voltando para os seus interlocutores...

⁸ “Mestre dos Magos” é um personagem fictício da série animada Caverna do Dragão, conhecida por sua sabedoria e habilidade mágica. Assim como Seu Naboa, tem capacidade de transmitir sabedoria através de metáforas e suas qualidades carismáticas o tornam uma figura central na vida da comunidade. Eles inspiram admiração e respeito, não apenas pela sua hospitalidade e alegria, mas também pela sua capacidade de transmitir conhecimento de forma cativante.



Chico Sousa: Então, eu fui recebendo vários retornos dos interlocutores por *Whastapp*, conforme íamos lançando os episódios. E eu pedi a permissão pra usar os áudios que eles enviaram aqui.

Dona Antônia: Boa noite, Chico. Pode usar, Chico, não tem nada, não. Pode usar, de boa, pode ficar tranquilo.

Irene Chemin: e aí, quando ficou pronto, o Chico mandou o arquivo em áudio para ela pelo zap e a Dona Antônia de Souza Fernandes ouviu o episódio:

Dona Antônia: É, eu tô, já ouvi agora, que eu fui ali no Isaías meu cunhado, e deixei o telefone aqui, aí, agora que eu cheguei que abri as conversa aqui, e eu ouvi. Pra mim, foi muito legal, muito beleza, bom demais, Chico.

Chico Sousa: A Dona Antônia sempre me acolheu, me adotou como neto de consideração e se engajou na pesquisa junto comigo. Em um dos nossos encontros, ela me disse assim:

Dona Antônia: E se precisar da palavra da gente aí também, a gente vai tá dando força, tá bom? Eu num dou força por letra, porque eu não entendo de letra nenhuma, mas, da palavra, o pouco que a gente entende, a gente representa aí com ela.

Chico Sousa: Eu e a Dona Antônia nos comunicamos frequentemente no Whatsapp, ela sempre me atualiza do que tá acontecendo lá na comunidade, das ameaças e ataques recorrentes. Ela se posiciona firme contra a venda das terras.

Dona Antônia: Deve ter vendido, vontade de negociar, porque, pegar dinheiro. Mas, com uma, sobreviver, mas como disse: se nós tudo que tiver necessidade do dinheiro, vendesse um pedaço, todo mundo tava morando no espaço. Porque né, no olho do pau não podia morar, porque o pau é enfiado na terra né, pé de árvore é na terra. Ah, como diz, por necessidade de dinheiro, se todo mundo que tiver necessidade do dinheiro, vender... porque eu mesmo tenho necessidade de dinheiro, mas eu sei que não pode vender, ela não foi feita pra negociar. Então, a gente tem que caçar maneira...



Chico Sousa: E Seu Antônio, o seu marido, também ouvia os episódios com ela.

Seu Antônio: Ah, tá, já ouvi ele aqui, já assisti ele aqui. Brigado, Chico, por você tá correndo atrás de conforto pra gente. E, depender da gente aí, qualquer hora, for uma coisa que a gente puder socorrer, nós tamo junto.

Irene Chemin: a dona Dulce Alves dos Santos, moradora da margem da Prata, comunidade vizinha a Congonha, do lado do Tocantins, também estava acompanhando e em diálogo...

Dona Dulce: Bom dia, Chico, como é que tá aí? Tudo bem? Aqui tá bem, graças a Deus. Ô Chico, muito ótimo, muito legal suas pesquisa, e Deus abençoa, que seja mais pra frente, mais, mais, mais mesmo, que, muito bonito, muito legal. Gostei demais, nós tudo aqui gostou, todo mundo que eu mostro tudo tá gostando da sua pesquisa, do seu trabalho, da sua inteligência, certo que tá tudo beleza viu?

Pois é, Chico, muito bom, muito feliz, nós tamo feliz que você fez essa, essa homenagem com nós. Muito boa, Deus é que há de abençoar ocê, muito muito mesmo. E nós tamo gostando demais e só Deus pra recompensar o que cê tá fazendo por nós. Pois é, Chico, muito obrigado de cê ter, dessa parte de ocê ter vindo, né, pra fazer o lado de Tocantins também, que, eu gostei demais, porque só ocê mesmo pra fazer isso, porque outros nunca tinha inventado isso aqui com nós não, nunca tinha inventado, muito obrigado e Deus que abençoou e dorme com Deus e, só Deus mesmo pra te agradecer, Chico.

Irene Chemin: O Adriano Paulino da Silva, presidente da Associação Kalunga da Comunidade Engenho 2.

Adriano: Ô Francisco, top demais cara, achei muito bom, vou compartilhar aqui, acabei de assistir agora, mano véio.

Chico Sousa: A Maria Helena Serafim, presidenta da Associação Tuya, projeto que trabalha com moda afro, frutos do resgate das tradições Kalunga.

Maria Helena, presidenta da Associação Tuya: É porque a gente tá em



sintonia porque eu sempre fui muito clara com você, e acho que essa presença minha ela é muito forte, sempre nas minhas falas, então, é, você consegue entender o que eu tô dizendo, o que eu tô pensando, porque eu trago isso sempre, essa presença forte na fala, no falar, no jeito de falar. Então assim, acho que é por isso que a gente dá certo trabalhando. Teria outras pessoas que poderia nos ajudar na organização da Associação? Eu poderia fazer isso? Poderia, mas eu gostei da forma que você trabalha. E aí sim eu quero construir essa história, da, da Tuya, com você no processo também, não sei se você entende isso, né... E por quê? Até porque se você constrói isso junto com a gente, os projetos que você fazer, você já faz ele com segurança, porque você já sabe o que que é a dinâmica da Associação, tanto da de mulheres quanto da Tuya. Por isso que a gente traz você mais pra perto do processo, né, e você entender mais de perto quase tudo que acontece dentro do processo, até pra na hora de mandar os editais, você já saber um pouco mais né sobre isso.

Chico Sousa: E também a Gilda Diniz, Procuradora Federal e ex-Procuradora-Geral do Incra.

Gilda: Chico, eu disse o seguinte, que ficou muito bom, né. Apesar de que, assim, você tem uma postura toda informal, desencanada, e aí ao mesmo tempo você quis dar uma, entrar no contexto de passar o recado. Mas ficou legal, eu gosto muito, eu sou suspeita né, porque eu gosto de você, então, quando a gente gosta da pessoa já, já acha tudo bom. Mas assim, pra, para as famílias quilombolas, é essencial esse trabalho, muito bom mesmo.

[Música tema “Se o grileiro vem, pedra vai”, do Centro Popular de Cultura: forró sertanejo com sanfona, agogô, bumbo e voz masculina, ritmo dançante. A música se estende ao fundo do início da reflexão de Chico Sousa]

BLOCO 4 - DEVOLVER E RECRIAR

Chico Sousa: As pessoas que conheci no meu trabalho de campo se tornaram minhas principais referências de sabedoria e luta, numa troca que tem perdurado para além da Antropologia e depois do TCC pronto e defendido. Relações que colaboraram para que eu desenvolvesse outras formas de pensar, analisar, teorizar e publicizar os resultados. Me esforcei, com essa pesquisa, para transcender a monografia, trabalhando para e com a comunidade. Aprendi e busquei enfatizar a centralidade e a resistência das comunidades quilombolas na luta contra o latifúndio e as frentes de expansão capitalistas no campo. Depois, segui com esta pesquisa para o



mestrado no Programa de Pós-Graduação do Centro de Desenvolvimento Sustentável da UnB, trabalhando com a mesma comunidade. Colaboro, quando sou acionado, na Associação Quilombola Kalunga, produzindo relatórios e laudos para organismos públicos, colaborando na identificação do território e elaboração de programas de desenvolvimento, entre outras atividades, tal como sugeridas por João Pacheco de Oliveira em 2013.

Irene Chemin: Acreditamos que o empenho para popularizar as nossas pesquisas, inclusive desde o nível da graduação, pode colaborar para que estudantes em formação incidam sobre o debate público, trazendo novas perspectivas, novas formas de divulgar e de falar sobre o conhecimento científico. No caso do *podcast* “Se o grileiro vem, pedra vai”, percebemos que, além da divulgação científica, nossa preocupação girou em torno da devolução de dados e análises da pesquisa para os interlocutores do Chico. Por isso, nosso foco de análise nesse artigo não foram as métricas de visualizações do *podcast* nas redes sociais, mas sim os retornos de Dona Antônia, Dona Dulce, Adriano, entre outros Kalungas que participaram da pesquisa. Esses retornos, por mensagem no *Whatsapp* do Chico, confirmavam o mais importante para nós, que era a devolução da pesquisa para os interlocutores, e coincidiam com os cerca de 10 ouvintes por episódio que acumulávamos no Youtube. Refletimos que divulgação e devolução de pesquisa nem sempre andam juntas, pois em geral a primeira tem objetivo de alcançar bem mais do que 10 ouvintes em um episódio de *podcast*. E a devolução se compromete com aqueles que participaram da pesquisa, suas coletividades, assim como com o fortalecimento do tema e sua incidência política. E a gente fica feliz mesmo quando nos chamam pra voltar. Olha aí a Dona Antônia de novo:

Dona Antônia: Boa noite, Chico, um abraço cês também. Dorme com Deus. Passar não, tem que vir, né? Nós tamo com saudade de vocês ué, hã, vem aqui cês.

Chico Sousa: Como nos ensina Antônio Bispo dos Santos em seu livro *Colonização, Quilombos*, de 2015, temos de aprender com a terra, a água, o ar e o fogo, em uma relação respeitosa, orgânica e biointerativa com todos os elementos vitais, uma das principais chaves para compreensão de questões que interessam a todas e a todos. E terminamos com a sabedoria de Seu Antônio...

Seu Antônio: Isso eu sei, Chico, quem tem o coração bom não sabe fazer maldade pra ninguém, só faz o bem. Um abraço pra você também, fica com Deus.



[Música tema “Se o grileiro vem, pedra vai”, do Centro Popular de Cultura: forró sertanejo com sanfona, agogô, bumbo e voz masculina, ritmo dançante.

Ao grileiro nós vamos resistir
Todo povo daqui vai descer
E uma ordem geral vai partir
Que é botar o grileiro pra correr

Se o grileiro vem, pedra vai
De cima deste morro ninguém sai
Se o grileiro vem, pedra vai
De cima deste morro ninguém sai]

BLOCO 5 - REFERÊNCIAS

BAIOCCHI, Mari Nasaré.. **Kalunga: povo da terra**. Brasília: Ministério da Justiça, 1999.

COSTA, Vilmar Souza. **A luta pelo território: histórias e memórias do povo Kalunga**. 2013. 75 f., il. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo) – Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2013.

DIAS, Vercilene Francisco. **Terra versus território: uma análise jurídica dos conflitos agrários internos na comunidade quilombola Kalunga de Goiás**. 2019. 132 f. Dissertação (Mestrado em Direito Agrário) –Faculdade de Direito, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

DOS SANTOS GOMES, Flávio. **Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

FLEISCHER, Soraya. Antropólogos “anfíbios”? Alguns comentários sobre a relação entre Antropologia e intervenção no Brasil. **Revista Antropológicas**, v. 18, n 1, p. 37-70, 2007.



FLEISCHER, Soraya; MANICA, Daniela Tonelli. O podcast Mundaréu como uma experiência de antropologia pública. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 22, n. 57, pp. 166-180, 2021.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JUNIOR, Itamar Vieira. **Torto arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

MOURA, Clovis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Perspectiva, 2020.

NASCIMENTO, Abdias do. **Quilombismo**: documentos de uma militância pan-africana. Brasília: Fundação Palmares. 2002.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. Etnografia enquanto compartilhamento e comunicação: desafios atuais às representações coloniais da antropologia. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). **Desafios da antropologia brasileira**. Brasília: ABA, 2013, p. 47-74.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos**: modos e significados. Brasília: INCT, 2015.

TSING, Anna. **The Mushroom at the End of the World**: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins. Princeton: Princeton University Press, 2015.

